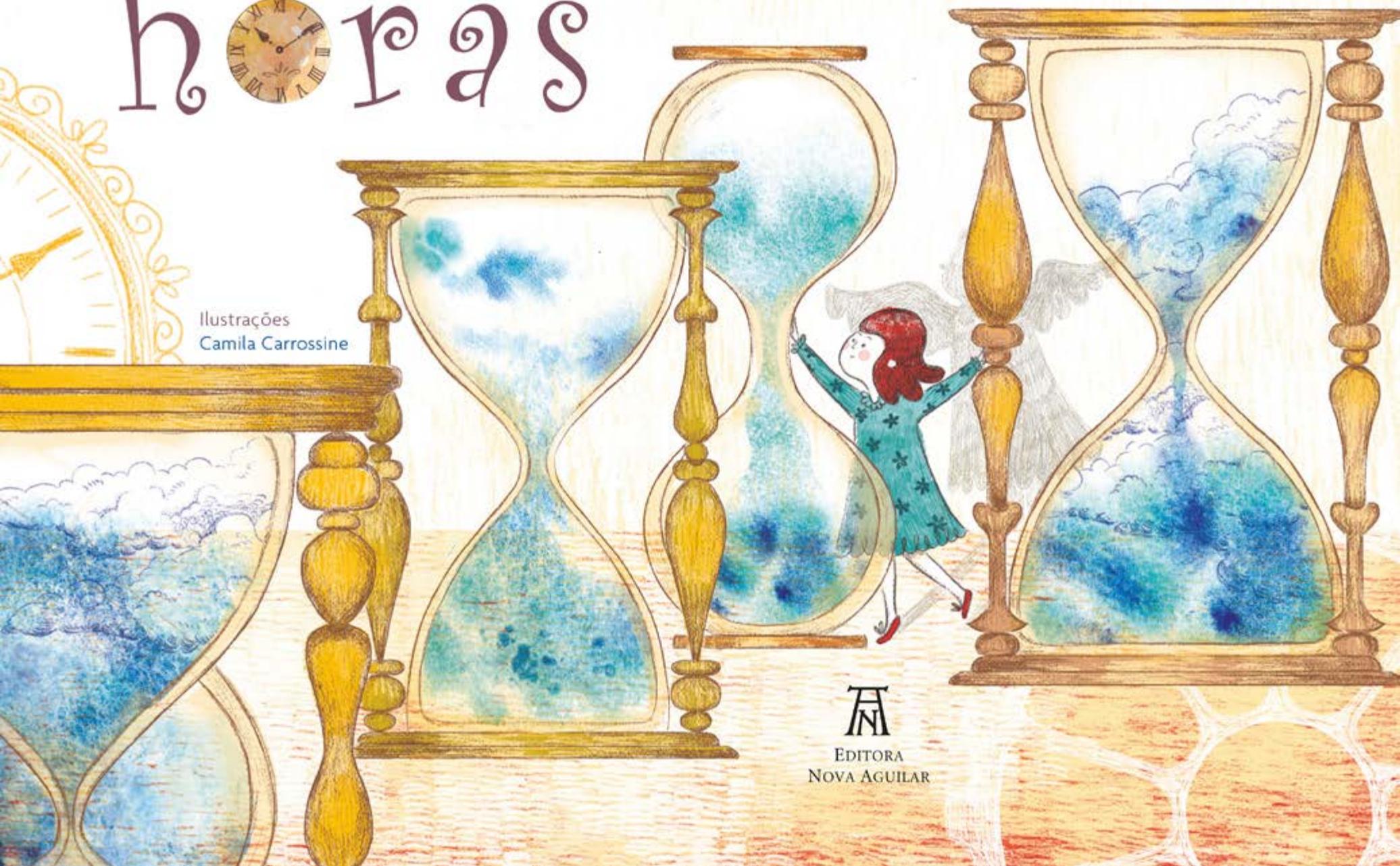


O anjo vendo as horas

Rubem Braga

Ilustrações
Camila Carrossine



EDITORA
NOVA AGUILAR

© Roberto Seljan Braga, 2020
2ª Edição, Editora Nova Aguilar, São Paulo 2021

Jefferson L. Alves – diretor editorial
Gustavo Henrique Tuna – gerente editorial
Flávio Samuel – gerente de produção
André Seffrin – coordenação editorial e estabelecimento de texto
Juliana Campoi – coordenadora editorial
Camila Carrossine – ilustrações
Maria Letícia L. Sousa – revisão
Fábio Augusto Ramos – projeto gráfico
João Vitor Guimarães Sérgio – elaboração do material digital do professor

Crônica publicada originalmente no *Diário de Notícias* (RJ) em 14 de outubro de 1949 com o título "Neide", incluída depois no livro *A cidade e a roça* (1957). Com este novo título, "O anjo vendo as horas", foi republicada pelo autor na *Revista Nacional* (RJ) em 11 de abril de 1982.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Braga, Rubem, 1913-1990
O anjo vendo as horas / Rubem Braga ; ilustrações Camila Carrossine. – 2. ed. – São Paulo : Editora Nova Aguilar, 2021.

ISBN 978-65-89645-15-3 (aluno)
ISBN 978-65-89645-18-4 (professor)

1. Crônicas – Literatura infantojuvenil I. Carrossine, Camila.
II. Título.

21-92638 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Crônicas : Literatura infantil 028.5
2. Crônicas : Literatura infantojuvenil 028.5

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Obra atualizada conforme o
NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA



EDITORA
NOVA AGUILAR

Editora Nova Aguilar Ltda.

Rua Pirapitingui, 111 – Liberdade
CEP 01508-020 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3277-7999
e-mail: global@globaleditora.com.br
www.novaaguilar.com.br

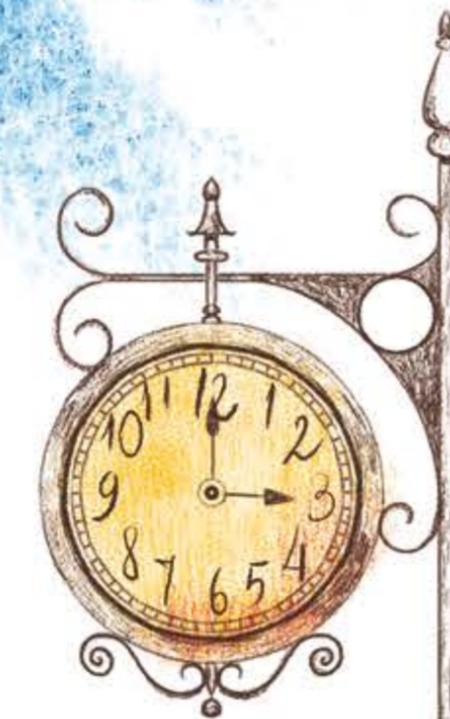
Direitos Reservados



Colabore com a produção científica e cultural.
Proibida a reprodução total ou parcial desta obra
sem a autorização do editor.

Nº de Catálogo: **4507.P23A** (Livro do Estudante)

Nº de Catálogo: **4507.P23M** (Livro do Professor)



O céu está limpo, não há nenhuma
nuvem acima de nós.



O avião, entretanto, começa a dar saltos, e temos de pôr os cintos para evitar uma cabeçada na poltrona da frente. Olho pela janela: é que estamos sobrevoando de perto um grande tumulto de montanhas.



As montanhas são belas, cobertas de florestas;
no verde-escuro, há manchas de ferrugem de
palmeiras, algum ouro de ipê, alguma prata
de embaúba – e de súbito uma cidade linda e
um rio estreito. Dizem-me que é Petrópolis.



É fácil explicar que o vento das montanhas faz corrente para baixo e para cima, como também o ar é mais frio debaixo da leve nuvem. A um passageiro assustado o comissário diz que “isso é natural”.



Mas o avião, com o tranquilo conforto imóvel com que nos faz vencer milhas em segundos, havia nos tirado o sentimento do natural.